

# Consentimento



# Vanessa Springora Consentimento

Tradução de Tânia Ganho



*Ao Benjamin  
e  
para o Raoul*



# Índice

Prólogo	11
I. A criança	13
II. A presa	33
III. A dominação	69
IV. A libertação	99
V. A marca	131
VI. Escrever	157
<i>Post Scriptum: Aviso ao leitor</i>	179
Agradecimentos	181





## Prólogo

Os contos infantis são uma fonte de sabedoria. Senão, por que razão atravessariam os tempos? A Gata Borralheira esforçar-se-á por abandonar o baile antes da meia-noite; o Capuchinho Vermelho desconfiará do lobo e da sua voz sedutora; a Bela Adormecida evitará aproximar o dedo do fuso irresistível; a Branca de Neve manter-se-á longe dos caçadores e em circunstância alguma trincará a maçã, tão vermelha, tão apetitosa, que o destino lhe oferece...

Uma série de avisos que todos os jovens deviam seguir à letra.

Um dos primeiros livros que tive foi uma antologia de contos dos irmãos Grimm. Usei-o até ficar nas últimas, ao ponto de as costuras se desfiarem sob a grossa capa de cartão e as folhas acabarem por se soltar, uma a uma. Esta perda deixou-me inconsolável. Aquelas histórias maravilhosas falavam-me de lendas eternas, mas os livros não passavam de objectos mortais, destinados a serem descartados.

Antes mesmo de saber ler e escrever, fabricava-os com tudo o que me vinha à mão: jornais, revistas, cartão, fita-cola, cordel. O mais resistentes possível. Antes de mais, o objecto. O interesse pelo conteúdo surgiria mais tarde.

Hoje, é com desconfiança que os observo. Ergueu-se uma parede de vidro entre eles e eu. Sei que podem ser um veneno. Sei a carga tóxica que podem conter.

Desde há anos que ando às voltas na minha jaula, que os meus sonhos se povoam de morte e vingança. Até ao dia em que a solução se me apresenta, finalmente, mesmo à frente dos olhos, como uma evidência: apanhar o caçador na sua própria armadilha, prendê-lo num livro.

I.

A criança



A nossa sabedoria começa onde a do autor acaba, e queríamos que ele nos desse respostas, quando a única coisa que pode fazer é dar-nos desejos.

MARCEL PROUST, *Sobre a Leitura*

No dealbar da minha vida, virgem de toda e qualquer experiência, chamo-me V. e, do alto dos meus cinco anos, espero pelo amor.

Os pais são, para as filhas, umas muralhas. O meu é uma mera corrente de ar. Recordo-me, mais do que de uma presença física, de um cheiro a vetiver que perfuma a casa de banho logo pela manhã, de objectos masculinos pousados aqui e ali, uma gravata, um relógio de pulso, uma camisa, um isqueiro *Dupont*, de uma forma de pegar no cigarro entre o indicador e o dedo médio, bastante longe do filtro, de uma maneira sempre irónica de falar, a tal ponto que nunca sei se ele está a brincar ou não. Ele sai cedo e volta tarde. É um homem ocupado. E muito elegante, também. As suas actividades profissionais variam demasiado depressa para que eu consiga perceber a natureza delas. Na escola, quando me interrogam sobre a profissão dele, sou incapaz

de dizer qual é, mas, ao que tudo indica, uma vez que o mundo exterior o atrai mais do que a vida doméstica, é uma pessoa importante. Pelo menos, é isso que imagino. Os fatos dele são sempre impecáveis.

A minha mãe concebeu-me com a precoce idade de vinte anos. É linda, os cabelos de um louro escandinavo, o rosto meigo, os olhos azul-claros, uma silhueta esbelta com curvas femininas, um bonito timbre de voz. A minha adoração por ela não tem limites, é o meu sol e a minha alegria.

Os meus pais formam um casal bem-parecido, repete a minha avó com frequência, referindo-se ao seu ar de actores de cinema. Devíamos ser felizes e, no entanto, as minhas recordações da nossa vida a três, naquele apartamento onde conheço brevemente a ilusão de uma união familiar, mais parecem saídas de um pesadelo.

À noite, escondida debaixo das cobertas, ouço o meu pai gritar, tratar a minha mãe de «cabra» ou «puta», sem perceber a razão. À primeira oportunidade, por causa de um pormenor, um olhar, uma simples palavra «inadequada», o ciúme dele explode. De um momento para o outro, as paredes começam a tremer, a louça voa, as portas batem com estrondo. De uma picuinha maníaca e obsessiva, não tolera que mudemos um objecto de sítio sem a sua autorização. Um dia, quase estrangula a minha mãe, por ter derramado um copo de vinho tinto numa toalha branca que ele acabara de lhe oferecer. A frequência dessas cenas acelera rapidamente. É uma máquina lançada numa corrida desenfreada, ninguém a consegue parar. Os meus pais passam, então, horas inteiras a arremessar os piores insultos à cara um do outro. Até à hora tardia em que a minha mãe se vem refugiar no meu quarto para ali soluçar em silêncio, encostada a mim, na minha cama

estreita de criança, voltando depois, sozinha, para o leito conjugal. No dia seguinte, o meu pai acorda, uma vez mais, no sofá da sala.

A minha mãe já gastou todos os seus cartuchos contra esses ataques de raiva incontroláveis e esses caprichos de menino mimado. Não há nenhum remédio para a loucura deste homem que rotulamos de temperamental. O casamento deles é uma guerra sem fim, uma carnificina de cuja origem já ninguém se lembra. O conflito será, em breve, resolvido de forma unilateral. É só uma questão de semanas.

No entanto, aquelas duas almas amaram-se certamente, um dia. Ao fundo de um corredor interminável, ocultada pela porta de um quarto, a sexualidade deles tem, para mim, o mesmo efeito que um ângulo morto no qual se esconde um monstro: omnipresente (as crises de ciúmes do meu pai são disso testemunho diário), mas completamente esotérica (não tenho uma única recordação de um abraço, de um beijo, do mais ínfimo gesto de ternura entre os meus pais).

Acima de tudo, o que tento já nessa altura, sem o saber, é decifrar o mistério que consegue reunir dois seres atrás da porta fechada de um quarto, o que se passa então entre eles. Como nos contos infantis em que o maravilhoso irrompe bruscamente no real, a sexualidade assemelha-se, no meu imaginário, a um processo mágico do qual nascem, miraculosamente, os bebés, e que pode surgir inesperadamente na vida de todos os dias, sob formas amiúde indecifráveis. Provocado, ou acidental, o encontro com essa força enigmática suscita muito cedo na criança que eu sou uma curiosidade persistente, e apavorada.

Por várias vezes, vou ao quarto dos meus pais, em plena madrugada, a chorar, e posto-me na moldura

da porta, queixando-me de dores de barriga ou de cabeça, seguramente com o objectivo inconsciente de interromper os seus enlances, e deparo com eles de lençol puxado até ao queixo, com cara de tontos e uma expressão estranhamente culpada. Da imagem precedente, dos seus corpos entrelaçados, não guardo o mais pequeno registo. É como se mantivessem apagado da memória.

Os meus pais são, um dia, convocados pela directora da escola. O meu pai não comparece. É a minha mãe quem escuta, preocupada, o relato da minha vida diurna.

— A sua filha passa o dia a cair de sono, parece que não dorme de noite. Tive de lhe instalar uma cama de campanha ao fundo da sala. Que se passa? Ela falou-me de discussões muito violentas entre o pai e a senhora, durante a noite. Além disso, uma contígua reparou que V. se encontrava muitas vezes na casa de banho dos rapazes, à hora do recreio. Perguntei à V. que fazia lá. Respondeu-me como se fosse a coisa mais natural do mundo: «Ajudo o David a fazer chichi. Seguro-lhe na pilinha.» O David acabou de ser circuncidado e parece que tem alguma dificuldade em... fazer pontaria. Garanto-lhe que, com cinco anos, este tipo de brincadeira não tem nada de anormal. Queria só informá-la.

Um dia, a minha mãe toma uma decisão irrevogável. Aproveitando a minha estada na colónia de férias que ela marcou em segredo, para poder efectuar a nossa mudança de casa, deixa o meu pai, de vez. Estamos no Verão que precede a minha entrada na primeira classe. À noite, uma monitora lê-me, sentada na beira da cama,



as cartas em que a minha mãe descreve o nosso novo apartamento, o meu novo quarto, a minha nova escola, o meu novo bairro, resumindo, a nova ordem da nossa vida nova, assim que eu regressar a Paris. Do interior profundo para onde me enviaram, entre os gritos de crianças que, na ausência dos pais, regressaram ao estado selvagem, tudo isso me parece bastante abstracto. A monitora fica muitas vezes com os olhos húmidos e a voz embargada, conforme faz a leitura em voz alta dessas missivas maternas falsamente alegres. Depois desse ritual nocturno, sucede encontrarem-me de madrugada, devido a uma crise de sonambulismo, a descer a escada de costas, em direcção à porta da rua.